

FOUCAULT¹

edson passetti e acácio augusto*

Personagens:

H1 – (Homem 1)

H2 – (Homem 2)

H3 – (Homem 3)

H4 – (Homem 4)

M1 – (Mulher 1)

M2 – (Mulher 2)

G1 (Gente sem rosto)

G2 (Gente sem rosto)

A (Andarilho)

E (Exuberante — mulher)

M (Menestrel)

Coro

* Edson Passetti é professor no Departamento de Política e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC/SP. Coordena o Nu-Sol. Acácio Augusto é bacharel em Ciências Sociais pela PUC/SP, mestrando no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC/SP, bolsista CNPq, pesquisador no Nu-Sol.

verve, 14: 60-86, 2008

Prólogo

*Na penumbra. Atores no fundo do palco. Duas canções e movimentos de atores: Pena Branca & Xavanti-
nho, “Cutelinho”; Walter Franco, “Me deixe mudo”.*

Cena 1 - Pirotecnia

Alguém circunda o espaço pedalando uma bicicleta ao som de Marina Lima, “O retorno”; pára, desce e estaciona; dois homens agachados sobre um banco de jardim; (H1 e H2)

H1 – Pirotecnia. Fabricar “alguma coisa que serve, finalmente, para um cerco, uma guerra, uma destruição. Não sou a favor da destruição, mas sou a favor de que se possa passar, de que se possa avançar, de que se possa fazer caírem os muros.”²

H2 – Não se derruba muros com livros e palavras, você é louco?

H1 – Um livro pode ser como “um vento verdadeiramente material”, um vento “que faz estourar as portas e as janelas... um explosivo eficaz como uma bomba, e bonito como fogos de artifício.”³

H2 – Delírio... tempos passados.

H1 – “É possível ter um pensamento político que não seja da ordem da descrição triste.” “O pessimismo de direita consiste em dizer: veja como os homens são filhos-da-puta. O pessimismo de esquerda diz: veja como o poder é nojento! Podemos escapar destes pessimismos sem cair na promessa revolucionária, no anúncio do entardecer ou da manhã?”⁴

H2 – Pirotecnia. Fabricar “alguma coisa que serve, finalmente, para um cerco, uma guerra, uma destruição. Sou a favor de que se possa passar, de que se possa avançar, de que se possa fazer caírem os muros.”

H1 – É preciso um tanto de loucura...

Black-out

Cena 2 - Antes da neblina

(H1, H2, H3, H4, M1, M2 e A)

H1 – Pode um preso político se recusar a ser algemado com um preso comum? Até para um anarquista essa distinção passou a ser relevante. Mas, para qualquer pessoa a algema é a mesma, a prisão, a tortura e o tribunal são os mesmos.

H3 – “Se fizermos a distinção, e se aceitarmos a diferença entre direito político e direito comum”, reconheceremos “a moral e a lei burguesas no que concerne ao respeito à propriedade” e “aos valores tradicionais.”⁵

M1 – “Reencontra-se aqui o velho antagonismo, constituído pela burguesia, entre o delinqüente e o militante revolucionário.”⁶

M2 – “Com freqüência, os representantes de algumas organizações políticas dizem que os problemas das prisões não entram no quadro da luta proletária. Há várias razões para isso.

H2 – A primeira é que a fração da classe operária que constantemente tem que se haver com a polícia e com a justiça é, constituída de pessoas que estão fora da indústria e sua forma de oposição à sociedade burguesa não se exprime por meio de manifestações, de lutas politicamente organizadas ou de pressões profissionais e econômicas como as greves.

FOUCAULT

M2 – A segunda razão é que a burguesia se utiliza com freqüência dessa categoria da população contra os trabalhadores: a burguesia faz dela uma força de trabalho temporária, ou a recruta para a polícia.

M1 – A terceira é que o proletariado, no que concerne à moral e à legalidade, ao roubo e ao crime, está totalmente impregnado da ideologia burguesa.”⁷

H1 – Não é só um problema de classe social; é também racismo.

H3 – “Se a criminalidade foi pensada em termos de racismo foi igualmente a partir do momento em que era preciso tornar possível, num mecanismo de biopoder, a condenação à morte de um criminoso ou seu isolamento. Mesma coisa com a loucura, mesma coisa com as anomalias diversas.

H1 – A especificidade do racismo moderno, não está ligada a mentalidades, a ideologias, a mentiras do poder. Está ligado à técnica do poder.”⁸

H2 – “Entre os europeus e os americanos há uma distinção.

M2 – Os europeus, vivem na continuidade de sua história.

M1 – A América vive perpetuamente o nascimento e a morte da lei.

M2 – Os europeus vivem de vitória e derrota.

M1 – Os americanos de violência e da legalidade.”⁹

H4 – O que me interessa nessa agitação toda em torno da prisão é a possibilidade de politização dessas questões, para além de um problema de classe.

H2 – Essa politização me interessa. Os anarquistas, “na segunda metade do século XIX, tomaram como ponto de ataque o aparelho penal, colocaram o problema político da delinqüência; pensaram reconhecer nela a forma mais combativa de recusa da lei; tentaram não

heroicizar a revolta dos delinqüentes, nem desligar a delinqüência em relação à legalidade e a ilegalidade burguesa que haviam colonizado; quiseram restabelecer ou constituir a unidade política das ilegalidades populares.”¹⁰

H3 – Então você fecha com os anarquistas?

H1 – Nem com os cristãos. Nem com você. Talvez em relação a isso, neste momento... Mas isso não me identifica politicamente. (pausa) É preciso uma saída, uma idéia, alguma coisa?

A – “Como alguém escaparia diante do que nunca se põe?” (Heráclito)

Black-out

Cena 3 – Vamos a Madri!

(M1, M2, H1, H2 e H4)

H2 – Você soube o que está acontecendo em Madri?

M1 – “Precisamos fazer alguma coisa. Não podemos deixar a ditadura franquista executar esses jovens militantes...”

H2 – Vamos a Madri. Vamos distribuir panfletos. Vamos fazer o possível em 7 horas. Escrevo um texto. Alguém com bela voz e passado idôneo o lerá.

H4 – “Viemos a Madri para trazer essa mensagem. A gravidade da situação nos chama. Nossa presença pretende mostrar que a indignação que nos faz tremer nos torna, com tantos outros, solidários com essas existências ameaçadas.”

H1 – Um policial ordenou que ficássemos sentados.

H2 – “Estamos detidos?”

FOUCAULT

H1 – Direto e sem rodeios disse o policial: “Não, mas todo mundo tem de ficar sentado”. Entregue esses papéis!

M2 – “Pálido, tenso, trêmulo de raiva, prestes a saltar, a passar ao ataque, o mais inútil, o mais perigoso, e o mais belo, ele é ainda mais admirável em sua recusa, em sua agressividade, em sua coragem por sentirmos (por sabermos) que nele se trata de uma reação física e de um princípio moral: a impossibilidade carnal de suportar o contato de um policial e de receber uma ordem dele.

H2 – ... a impossibilidade carnal de suportar o contato de um policial e de receber uma ordem dele.

H1 – ... a impossibilidade carnal de suportar o contato de um policial e de receber uma ordem dele.”¹¹

Black-out

Cena 4 – Sobre e sob

(H1, H2, H3, H4, M1, M2, M e A)

H4 – “É um dos raros homens que, quando entrava em uma sala, mudava toda a atmosfera. Era como se outro ar entrasse. Ele tinha como que uma emanção. Como uma emissão de raios. Seus gestos eram impressionantes. Pareciam gestos metálicos, de madeira seca. Eram gestos estranhos, fascinantes.”¹²

H1 – Uma vez, ainda jovem, mandou-me numa carta: “Temos uma só vida, e talvez seja a mesma. Temos duas vezes menos o direito de perdê-la, duas vezes menos o direito de desperdiçá-la.” A resposta a um homem que pensava e pouco amava dei em breves palavras: “Não quero mais ‘dezembro’; não quero mais ser o ator ou o espectador desse aviltamento. Saí dessa vertigem de loucura.” E diante de um “vamos passar juntos o

verão que nos prometemos?”, respondi com um sonoro “Não!”¹³

H3 – Jean Barraqué era seu amor naquela época.

H2 – Veio Daniel Defert. “Eu vivo num estado de paixão por alguém [ele]. Pode ser que em determinado momento essa paixão se transformou em amor. Na verdade se trata de um estado de paixão entre nós dois, de um estado permanente que não tem outro motivo para terminar além de si mesmo e no qual estou completamente envolvido, completamente envolvido, que passa através de mim. Creio que não há uma só coisa no mundo, nada, seja o que for, que poderia me deter quando vou encontrá-lo.”¹⁴

H1 – A paixão é “estado sempre móvel, mas que não vai em direção a um ponto dado”. Nela, “há momentos fortes e momentos fracos, momentos em que isso é levado à incandescência, em que isso flutua, é uma espécie de estado instável que se prolonga por razões obscuras, talvez por inércia,” que “procura manter-se e desaparecer... já não faz sentido ser você mesmo...”¹⁵

O médico e seu paciente

M2 – “Leuret: você promete não pensar mais nisso?

O doente cede com dificuldade.

Leuret: você promete trabalhar todos os dias?

Ele hesita, depois aceita.”

M – “O médico e o seu paciente!”

M1 (como médico) – “Como eu não acredito nas suas promessas, você vai receber a ducha, e continuaremos todos os dias até que você mesmo peça para trabalhar. Você vai trabalhar hoje?”

H3 (como paciente) – Já que me obrigam, eu tenho mesmo que ir!

FOUCAULT

M1 – Você vai com boa vontade ou não?

H3 – Sim, eu vou trabalhar!

M1 – Então você estava louco?

H3 – Não, eu não estava louco.

M1 – Você não estava louco?

H3 – Eu acho que não.

M1 – Você estava louco?

H3 – Então estar louco é ver e ouvir?

M1 – Sim!

H3 – Está bem, doutor, é a loucura.”

M2 – No final da conversa “Ele promete ir trabalhar.”¹⁶ Assim termina o “Tratamento moral da loucura” de Leuret, publicado em 1840.

(H1 diante de H2)

H2 – Estou louco por você!

H1 – Sou louco por você!

Entra o Andarilho

A – Não há solo na paixão. O amor é um salto no escuro.

O filósofo e a sua sombra

H4 (com ironia) – “O filósofo não tem papel na sociedade. Não se pode situar seu pensamento em relação ao movimento atual do grupo. Sócrates é um excelente exemplo: a sociedade ateniense pôde apenas lhe atribuir um papel subversivo...”

M1 – ... sub-ver-si-vo...

H4 – ... seus questionamentos não podiam ser admitidos pela ordem estabelecida.

M1 – ... pela ordem es-ta-be-le-ci-da...

H4 – Na verdade, é ao cabo de um certo número de anos que se tem consciência...

M1 – consciência... cons-ci-ên-ci-a... do lugar de um filósofo [é claro];

H4 – em suma, atribuímos a ele um papel retrospectivo.”¹⁷

M1 – RE-TROS-PEC-TI-VO

Black-out

Cena 5 – Em algum lugar

H1, H2, agachados no banco de jardim.

H2 – “Existem numerosas maneiras diferentes de falar e também numerosas formas de silêncio. Certos silêncios podem implicar em uma hostilidade virulenta; outros, são indicativos de uma amizade profunda, de uma admiração emocionada, de um amor. Eu lembro muito bem que quando eu encontrei o cineasta Daniel Schmid, vindo me visitar, não sei mais com que propósito, ele e eu descobrimos, ao fim de alguns minutos, que nós não tínhamos nada, verdadeiramente nada a nos dizer. Ficamos juntos, desde as três horas da tarde até a meia noite. Bebemos, fumamos haxixe, jantamos. Eu não creio que tenhamos falado mais do que vinte minutos durante essas dez horas. Este foi o ponto de partida de uma amizade bastante longa. Era, para mim, a primeira vez que uma amizade nascia de uma relação estritamente silenciosa.”

H1 (repete) – “Existem numerosas maneiras diferentes de falar e também numerosas formas de silêncio. Certos silêncios podem implicar em uma hostilidade virulenta; outros, são indicativos de uma amizade pro-

FOUCAULT

funda, de uma admiração emocionada, de um amor. Eu lembro muito bem que quando eu encontrei o cineasta Daniel Schmid, vindo me visitar, não sei mais com que propósito, ele e eu descobrimos, ao fim de alguns minutos, que nós não tínhamos [nada] verdadeiramente nada a nos dizer. Ficamos juntos, desde as três horas da tarde até a meia noite. Bebemos, fumamos haxixe, jantamos. Eu não creio que tenhamos falado mais do que vinte minutos durante essas dez horas. Este foi o ponto de partida de uma amizade bastante longa. Era, para mim, a primeira vez que uma amizade nascia de uma relação estritamente silenciosa.”¹⁸

Black-out. Em resistência

Cena 6 – O Rei, a merda e o poder

(M, H1, H2, H3, H4, M1 e M2)

Ruflar dos tambores

M – O rei, a merda e o poder. Conta Pinel que, *abrem aspas*

H3 – “George III, rei da Inglaterra, enlouquece. Para tornar sua cura mais efetiva e mais sólida, o médico que o dirige não adota nenhuma medida de prudência; nesse momento, todo aparelho da realeza desaparece, o alienado, afastado de sua família e de tudo que o circunda, é mantido num palácio isolado e recluso solitário num quarto cujo quadrilátero e paredes são recobertos de colchões para que fique impotente de se ferir.

M1 – Aquele que dirige o tratamento declara-lhe que ele não é mais soberano, que deve ser dócil e submisso. Dois de seus antigos pajens, de uma estatura hercúlea, são encarregados de zelar pelas suas necessidades e de lhe render todos os serviços exigidos pelo seu estado,

também de convencê-lo de que se encontra sob inteira dependência e que deve finalmente obedecer.

M2 – Esses pajens mantêm com ele um silêncio tranqüilo, mas em todas as ocasiões fazem-lhe sentir o quanto são superiores em força. Um dia o alienado, no seu fogoso delírio, recebe duramente seu antigo médico durante sua visita e o emporcalha com imundices. Um dos pajens entra rapidamente no quarto e, sem nada dizer, agarra o delirante pela cintura e, reduzido a um estado de sujeira repugnante, atira-o com força sobre os colchões, despe-o de suas roupas, lava-o com uma esponja, troca suas vestimentas e, olhando-o com ferocidade, sai rapidamente e retoma seu posto.

H3 – Lições semelhantes, repetidas freqüentemente durante alguns meses e acompanhadas de outros modos de tratamento, produziram uma cura sólida e sem recaída.”¹⁹ *Fecham aspás*.

H4 – “A cena do detrito, do excremento, da imundície é a inversão total da soberania.

H2 – Esse rei não tem por força mais que seu corpo reduzido ao estado selvagem, não tem por armas mais que os dejetos de seu corpo, e são precisamente essas armas que ele utilizará contra seu médico (...)

H1 – ... não somente porque ele substitui seu cetro e sua espada por sua merda, mas porque precisamente ele retoma um gesto que tem uma significação histórica.

H4 – O gesto que consiste em jogar lama e imundices sobre alguém, é o gesto secular de insurreição contra os poderosos. (...) Gesto profanador que consiste em jogar lama, imundície, merda sobre a diligência, sobre a carruagem, sobre a seda e sobre a estola de pele dos grandes.”²⁰

Silêncio...

FOUCAULT

H2 – “Para mim o trabalho intelectual está ligado (...) a uma transformação de si. (...) Eu creio que meu problema seja esta estranha relação entre o saber, a erudição, a teoria e a história real.

H1 – Creio que sei desde minha infância que o saber é impotente em transformar o mundo. Talvez eu esteja errado. E estou seguro que estou errado de um ponto de vista teórico, pois eu sei muito bem que o saber transformou o mundo.

H2 – Tenho o sentimento que o saber não pode nada por nós e que o poder político é capaz de nos destruir. Todo o saber do mundo não pode nada contra isso. (...)

H1 – É por isso que eu trabalho [e trabalhei] como um doente toda minha vida. Eu não cuido de forma alguma do estatuto universitário disso que faço, porque meu problema é minha própria transformação. É a razão pela qual, quando as pessoas me dizem: ‘você pensa isso, há alguns anos, e agora diz outra coisa’ (...)

H2 – ... eu respondo: ‘vocês acreditam que eu trabalho tanto, há tantos anos pra dizer a mesma coisa e não ser transformado?’

H1 – Essa transformação de si pelo seu próprio saber é algo bem próximo da experiência estética. Para que um pintor trabalha senão para ser transformado por sua pintura? (...)

H2 – Em todo caso, minha vida pessoal não apresenta nenhum interesse.

H1 – Se alguém pensa que meu trabalho não pode ser compreendido sem referência a tal ou qual aspecto de minha vida, eu aceito considerar a questão. Sou pronto a responder se eu a vejo justificada.

H2 – Na medida em que minha vida pessoal é sem interesse, não vale a pena fazer dela um segredo e pela mesma razão não vale a pena torná-la pública.”²¹

Luz geral. Silêncio

H3 e H4 – Não se apaixone pelo poder. Não se apaixone pelo poder.

Black-out

Cena 7 – Vigiar e punir

Ouve-se The Clash, “Police and thieves”, enquanto os atores se desnudam e voltam a se vestir. A música pára repentinamente. (H1, H2, H3, M1, M2 e Coro)

H2 – “O mais perigoso numa violência é sua racionalidade. Certamente a violência é nela mesma terrível. Mas a violência encontra sua ancoragem mais profunda e extrai sua permanência da forma racional que a utilizamos.”²²

M1 – “Todo poder não repousa senão na contingência e na fragilidade de uma história, a partir do momento em que o contrato social é um blefe e a sociedade civil um conto para crianças;

H2 para M1 – ... a partir do momento em que não existe nenhum direito universal, imediato e evidente que possa, em todo lugar e sempre, sustentar uma relação de poder qualquer que seja ela.”²³

Pausa.

H3 – “A vigilância só pôde funcionar conjugada com a prisão. Porque esta facilita o controle dos indivíduos quando são libertados. (...)

M1 para M2 – Porque coloca os infratores em contato uns com os outros,

H3 – ... então, ela precipita a organização de um meio delinqüente fechado em si mesmo, mas que é fácil de controlar...

H2 para H1 – ... e todos os efeitos do deslocamento que acarreta ... abrem a possibilidade de impor aos antigos detentos as tarefas que lhes são determinadas.

M1 para H1 – Prisão e polícia formam um dispositivo geminado; sozinhas elas realizam em todo o campo das ilegalidades a diferenciação, o isolamento e a utilização de uma delinquência...

H2 – ... Nas ilegalidades, o sistema polícia-prisão corresponde a uma delinquência manejável. Penso que se deveria falar de um conjunto cujos três termos (polícia-prisão-delinquência) se apóiam uns sobre outros e formam um circuito que nunca é interrompido [que nunca é interrompido]. A vigilância policial fornece à prisão os infratores que esta transforma em delinquentes, alvo e auxiliares dos controles policiais que regularmente mandam alguns deles de volta à prisão.”²⁴
Preciso desenhar?

M2 – A justiça criminal “é um ponto de troca numa economia geral das ilegalidades, cujas outras peças são (não abaixo dela, mas a seu lado) a polícia, a prisão e a delinquência.

Coro – ... a polícia, a prisão e a delinquência.

H2 para H1 – A invasão da justiça pela polícia, a força de inércia que a instituição carcerária opõe à justiça, não é coisa nova, nem efeito de uma esclerose ou de um progressivo deslocamento do poder; é um traço de estrutura que marca os mecanismos punitivos nas sociedades modernas.

M1 para H1 – Podem falar os magistrados; a justiça penal com todo o seu aparelho de espetáculo é feita para atender à demanda cotidiana de um aparelho de controle meio mergulhado na sombra que visa engrenar polícia e delinquência, uma sobre a outra.”²⁵

H2 – Como o poder seria leve, fácil, sem dúvida, de dismantelar, se ele não fizesse senão vigiar, espreitar, surpreender, interditar e punir; (*pega H1 pelas costas*)

mas ele incita, suscita, produz; ele não é simplesmente orelha e olho; ele faz agir e falar.”²⁶ Entendeu? Ou preciso desenhar?

Volta a música. Eles dançam. Música interrompida.

Coro – Não cessa! Não cessa! Onde há poder, há resistências... há resistências... há resistências...

H2 – “Essa produção da delinquência e seu investimento pelo aparelho penal devem ser tomados pelo que são: não resultados definitivos, mas táticas que se deslocam na medida em que nunca atingem inteiramente seu objetivo.

Cena extra da segunda apresentação.

H2 pronuncia o texto acima e ao mesmo tempo inicia a raspagem do cabelo de H1. Ao final de sua fala, H1 toma-lhe, sutilmente, a máquina e ao som de Norah Jones, “Nightingale”, conclui o corte de cabelo. Raspa a cabeça, desliga a máquina e pronuncia o texto abaixo

H1 – Com muita frequência as ações operárias eram acusadas de serem animadas, senão manipuladas, por simples criminosos. Mostrou-se nos veredictos muitas vezes maior severidade contra os operários que contra os ladrões. Misturaram-se nas prisões operários e simples criminosos, e foi dado tratamento preferencial aos jornalistas ou políticos detidos em lugares separados.

Coro – Em resumo, toda uma temática de confusão que tinha como finalidade um estado de conflito permanente.”²⁷

H2 – “Tudo que é aparente concessão não passa de traição e astúcia de guerra” (Heráclito)

Coro – Ei, você conformista,
sossegado,

FOUCAULT

instalado,
conformado,
pasmado,
petrificado...
Vai tomar no cu!

*Volta a música do The Clash e os atores se desnudam.
Black-out*

Cena 8 – Gente sem rosto

(M, G1, G2, H3, M1 e Coro)

M – “O anarquismo acadêmico”.

G1 – Ele é nocivo ao anarquismo!

G2 – Considero inaceitável o nietzschianismo de esquerda.

G1 – O anarquismo é um movimento histórico. Não deve ser alterado por essas filosofias contemporâneas, pós-modernas, pós-estruturalistas, pós-tudo, pós-isso, pós-aquilo, ora pois, e que pretendem matar o humanismo.

G2 – Ao contrário, o humanismo deve ser aperfeiçoado.

G1 – O importante é aperfeiçoar o Iluminismo.

H4 – “Não sei se é preciso dizer hoje que o trabalho crítico também implica a fé nas luzes; ele sempre implica, penso eu, o trabalho sobre nossos limites; um trabalho paciente que dá forma à impaciência da liberdade.”²⁸

H2 – Ser nocivo ao anarquismo como doutrina... e também aos seus guardiões.

H1 – Uma anarco-arqueologia diante da política como guerra prolongada por outros meios.²⁹

G2 – Pouco importa, isso jamais será anarquismo.

M2 – Tolice viver em função de um estado civil declarado.

G2 – É preciso outra globalização.

H4 – Maio de 68 foi um instante da guerra permanente, do impossível poder, e dele veio a resposta conservadora em direitos, democracia, moderação e capital humano.

Coro – ... em direitos, democracia, moderação e capital humano.

M2 – Em até anti-globalização; em novas reformas, em democracia, mesmo conservando as mesmas esperas famílias, redefinindo religião e política, recriando um mediano oriente médio, e parecendo-se com o ocidente. Democracia já, com guerras, com protocolos e diplomacias, ou para de aqui 50 anos. Tudo isso como previsão ou prevenção é impossível diante da rebeldia.

G1 – Cada vez estamos mais afastados das afinidades que tivemos no passado, mais remotos.

H2 para G1 – Você nunca notou que eu jamais habitei esse seu lugar no passado?

H1 – “Libere-se das velhas categorias do Negativo (a lei, o limite, a castração, a falta, a lacuna) que o pensamento ocidental por tanto tempo manteve sagrado enquanto forma de poder e modo de acesso à realidade. Prefira o que é positivo e múltiplo, a diferença à uniformidade, os fluxos às unidades, os agenciamentos móveis aos sistemas; considere que o que é produtivo não é sedentário, mas nômade. Não imagine que precise ser triste para ser militante, mesmo se a coisa que comba-

FOUCAULT

temos é abominável. É o elo do desejo à realidade (e não sua fuga nas formas de representação) que possui uma força revolucionária.³⁰

H3 – Entre o que se chama, grosseiramente, a anarquia, o anarquismo e o método que eu emprego, existe certamente qualquer coisa como uma relação, mas as diferenças são igualmente claras. Em outras palavras, a posição que eu assumo não exclui a anarquia.”³¹

H1 – O que o anarquismo tem de especial é a invenção de liberdades; ele não se resume a uma oposição ao poder de Estado. Ele é combate ao poder.

Soa a campanha.

H1 – Quem?

A – “É preciso se fixar no exterior de si, à beira das lágrimas e na órbita das fomes, se quisermos que algo fora do comum se produza apenas para nós.” (René Char)

Soa a campanha.

H2 – Entre.

A – “Temos em nós extensões imensas que jamais chegaremos a pisar; mas elas são úteis à aridez de nossos climas, próprios, tanto ao nosso despertar, como às nossas perdições.” (René Char)

Luz. Extravagante (E) sambando ao fundo, ao som de “O estrangeiro” [... é chegada a hora da reeducação de alguém...]. Uma festa!

Black-out. Em resistência

Cena 9 – Governos

(Coro, H1, H2, M2)

Coro – “Estamos todos presos. De ambos os lados dos muros a mesma sociedade. Uma se acha boa; a outra é vista como má. A normal encarcera no seu espelho o que lhe é insuportável. Ela diz que lá dentro eles serão educados para voltarem integrados ao lado de fora. A sociedade se defende construindo prisões e constatando que elas não dão certo. Faz reformas na arquitetura e na lei para internar novamente: negros, nordestinos, bichas, pequenos ladrões, jovens, religiosos, ateus, mancos, desempregados, larápios, halterofilistas, operários, um-sete-uns, manicures, pobres, punks, putas, loucos, bêbados, homens e mulheres quase normais, enredados em infrações e armadilhas policiais e jurídicas. Estar dentro ou fora é quase um acidente. Dizem que somos livres, mas vivemos prisioneiros dentro do território nacional. Dizem que somos civilizados, mas ainda não aprendemos com as sociedades primitivas a ser antropofágicos. Temos medo de subversão. Somos antropoêmicos e estamos todos presos.”³²

Pausa

H1 – “Podemos reler uma vertente do pensamento do século XIX como a difícil tentativa, ou uma série de difíceis tentativas, para reconstruir uma ética e uma estética do eu. Tomemos, por exemplo, Stirner, Schopenhauer, Nietzsche, o dandismo, Baudelaire, a anarquia, o pensamento anarquista, etc., e teremos uma série de tentativas, sem dúvida inteiramente diversas umas das outras, mas todas elas, creio eu, mais ou menos polarizadas pela questão: é possível constituir, reconstituir uma estética e uma ética do eu? A que preço e a que condições?”

Silêncio.

FOUCAULT

M2 – (...) “Não há outro ponto, primeiro e último, de resistência ao poder político senão na relação de si para consigo.”³³

H2 (repete) – Não há outro ponto, primeiro e último, de resistência ao poder político senão na relação de si para consigo.

Black-out

Cena 10 – A hora e a vez

(Coro e A)

Coro – “O terreiro lá de casa
não se varre com vassoura:

Varre com ponta de sabre,

Bala de metralhadora.

(...)

A – Nhô Augusto não tirou os olhos, até que desaparecessem. E depois se esparramou em si, pensando forte. Aqueles, sim, que estavam no bom, porque não tinham que pensar em coisa nenhuma de salvação de alma, e podiam andar no mundo, de cabeça em-pé... Só ele, Nhô Augusto, era quem estava de todo desonrado, porque, mesmo lá, na sua terra, se alguém se lembrava ainda do seu nome, havia de ser para arrastá-lo pela rua-da-amargura...

E todos sentiram muito sua partida. Mas ele estava madurinho de não ficar mais, e, quando chegou no sozinho, espiou só para a frente, e logo entoou uma das letras que ouvira aos guerreiros de seu Joãozinho Bem-Bem:

(...)

Coro – A roupa lá de casa

Não se lava com sabão:

Lava com ponta de sabre

e com bala de canhão”

(...)

A – Cantar, só, não fazia mal, não era pecado. As estradas cantavam. E ele achava muitas coisas bonitas, e tudo era mesmo bonito, como são todas as coisas, nos caminhos do sertão.”³⁴

Sai o bando de Joãozinho Bem-Bem.

Black-out

Cena 11 – Miscelânea

Lêem e entregam os bilhetes a alguma pessoa do público. (H3, H1, M1, M3 em off e H2)

H3 – “Como fazer para não se tornar fascista mesmo (e sobretudo) quando se acredita ser um militante revolucionário? Como livrar do fascismo nossos discursos e nossos atos, nossos corações e nossos prazeres? Como desentranhar o fascismo que se incrustou em nosso comportamento? (...) Não se apaixone pelo poder.”³⁵
Não se apaixone pelo poder.

H1 – “Não utilize o pensamento para dar a uma prática política um valor de verdade; nem a ação política para desacreditar um pensamento...”³⁶

M1 – “Quando eu leio a tese “o saber é poder” ou “o poder é saber” — e sei bem que ela me é atribuída — pouco importa, eu morro de rir, pois o meu problema é

FOUCAULT

precisamente estudar as suas relações. Se fossem duas coisas idênticas, eu não teria que estudar suas relações e me cansaria bem menos. O simples fato de colocar a questão de suas relações prova seguramente que eu não as identifico.”³⁷

M3 (em off) – “Se me interessasse pela Antiguidade, foi porque, por toda uma série de razões, a idéia de uma moral como obediência a um código de regras está desaparecendo, já desapareceu. E a esta ausência de moral corresponde, deve corresponder, uma busca que é aquela de uma estética da existência.”³⁸

H2 – “Não há razão que não tenha de arriscar-se à loucura para chegar ao término de sua obra, ‘não existe um grande espírito sem uma ponta de loucura... é neste sentido que os sábios e os mais bravos poetas aprovaram a experiência da loucura e o sair, às vezes, dos trilhos normais.”³⁹ Isto não é Rimbaud! É Foucault?

Black-out

Cena 12 – O que se chamou de entrevista

(*A, H2, H1 e Coro*)

A – “A questão que eu gostaria de colocar agora pode parecer, à primeira vista, estranha, mas se for o caso, eu a explicarei porque, em minha opinião, ela merece ser colocada. A beleza tem uma significação especial para você?”

H2 – Penso que ela tem uma significação para todos! Eu sou míope, certamente, mas não cego a ponto de que ela não tenha significação para mim. Mas por que você me coloca esta questão? Eu estou seguro de ter dado a você provas de que não sou insensível à beleza.” (...)

A – Por prazer.

H1 – “De fato, eu tenho dificuldade em ter a experiência do prazer. O prazer me parece ser de um controle muito difícil. Isso não é tão simples como usufruir das coisas. (PAUSA) Devo confessar que é meu sonho. Eu gostaria e espero morrer de overdose de prazer, qualquer que seja. Porque penso que é muito difícil, e tenho sempre a impressão de não experimentar o verdadeiro prazer, o prazer completo e total (PAUSA); o prazer para mim está ligado à morte.

A – Por que diz isso?

H2 – Porque o gênero de prazer que eu considero como o verdadeiro prazer seria tão profundo, tão intenso, me submergiria tanto que eu não sobreviveria. Eu morreria.”⁴⁰

Coro – Eu morreria. Eu morreria...

A – Eu morreria.

Black-out

Cena Final – Pirotecnias

Inversão de papéis da Cena 1. (H1, H2 e A)

H2 – Um livro pode ser como um vento verdadeiramente material que faz estourar as portas e as janelas... um explosivo eficaz como uma bomba, e bonito como fogos de artifício...

H1 – Pi-ro-tec-nia. Fabricar alguma coisa que serve, finalmente, para um cerco, uma guerra, uma destruição. Não sou a favor da destruição, mas sou a favor de que se possa passar, de que se possa avançar, de que se possa fazer caírem os muros. (...)

Entra o Andarilho.

FOUCAULT

A – “Amanhecia. Eu não sabia onde estava. Tomei a direção do nascente, a esmo, para ser iluminado o mais cedo mais possível. Teria preferido um horizonte marinho, ou desértico. Ao relento, de manhã, vou ao encontro do sol, e ao anoitecer, ao relento, eu o sigo, e até a casa dos mortos. Não sei por que contei essa história. Poderia muito bem ter contado outra. Talvez uma outra hora poderei contar outra. Almas vivas, verão que elas se parecem.”⁴¹

Alguém pega a bicicleta e circunda o espaço. Luz em resistência sobre os homens no palco.

Black-out

Luz. Elenco retorna ao som de “Feito gente”, de Walter Franco.

Notas:

¹ Aula-teatro 3 do Nu-Sol. Pesquisa de texto pelo Nu-Sol. Escritos de Michel Foucault, acompanhados de reflexões e sugestões de Gilles Deleuze, Didier Eribon, poesias de René Char, fragmentos de Heráclito, João Guimarães Rosa e Samuel Beckett; improvisações na bateria; músicas: Pena Branca & Xavanti, “Cutelinho”; Walter Franco, “Me deixe mudo” e “Feito gente”; Marina Lima, “O retorno”; The Clash, “Police and thieves”; Caetano Veloso, “O estrangeiro”, Norah Jones, “Nightingale” (cena extra da segunda apresentação). Texto e Trilha Musical: Edson Passetti e Acácio Augusto. Com: Acácio Augusto, André Degenszajn, Beatriz Scigliano Carneiro, Bruno Andreotti, Eliane Knorr de Carvalho, Gustavo Ramus, Gustavo Simões, Lúcia Soares, Salete Oliveira e a presença de Pedro Henrique Manesco, na bateria. Produção gráfica: Andre Degenszajn. Operadora de luz: Salete Oliveira. Operador de som: Nildo Avelino. Coordenação e direção de Edson Passetti. Apresentada em 6, 26 e 28 de maio de 2008, no Teatro Tucarena, São Paulo/Brasil.

² Roger Pol-Droit. *Michel Foucault, entrevistas*, Tradução de Vera Portocarrero e Gilda G. Carneiro. Rio de Janeiro: Graal, 2006, p. 69.

³ Idem, p. 75.

⁴ Ibidem, p. 96.

⁵ “Sobre as prisões de Attica”. In: Motta, M. (Org.). *Michel Foucault Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber*. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2003, p. 142.

⁶ “Sobre o internamento penitenciário”. Idem, p. 78.

⁷ “Sobre as prisões de Attica”. Ibidem, p. 140.

⁸ *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo, Martins Fontes, 2000, pp. 308-309.

⁹ Adaptado de “Prefácio (in Jackson)”. In: Motta, M. (Org.). *Michel Foucault Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber*, op. cit., pp. 146-151.

¹⁰ *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Editora Vozes, 2005, p. 256.

¹¹ Didier Eribon. *Michel Foucault - 1926-1984*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo, Companhia das Letras, 1990, pp. 245-246.

¹² *O abecedário de Gilles Deleuze*. (Letra “F”). Realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris.

¹³ Didier Eribon, op.cit., p. 80.

¹⁴ Idem, p. 147.

¹⁵ Michel Foucault, *apud* Gilles Deleuze. “Um retrato de Foucault”. In *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992, p. 144.

¹⁶ “A água e a loucura”. In: Motta, M. (Org.). *Michel Foucault Ditos e Escritos I: Problemática do sujeito — psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1999, pp. 188-189.

¹⁷ “O Que é um filósofo?”. In Motta, M (Org.). *Michel Foucault Ditos e escritos II: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2005, p. 34.

¹⁸ “Uma entrevista com Michel Foucault”. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. In *Verve – Revista do Nu-Sol*, São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, n.5, 2004, pp. 240-241.

¹⁹ *Le pouvoir psychiatrique. Cours au Collège de France, 1973-1974*. Paris, Gallimard, 2003, p. 22 [Tradução Nildo Avelino]. Ver também: *O poder psiquiátrico. Curso no Collège de France, 1973-1974*. Tradução de Eduardo Brandão. Revisão Técnica de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo, Martins Fontes, 2006, p. 26.

²⁰ Idem, 26. Ver também: op. cit., p. 31.

FOUCAULT

- ²¹ “Michel Foucault, uma entrevista: Sexo, poder e a política da identidade”. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. In *Verve – Revista do Nu-Sol*, São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, n.5, 2004, pp. 255-259.
- ²² “Foucault estuda a razão de Estado (entrevista com M. Dillon)”. In: Motta, M. (Org.). *Michel Foucault Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber*. op. cit., p. 319.
- ²³ “Do governo dos vivos”. Transcrição e tradução de Nildo Avelino. In *Verve – Revista do Nu-Sol*, São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, n.12, 2007, pp. 270-293.
- ²⁴ *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Op. cit., p. 234.
- ²⁵ Idem, idem.
- ²⁶ “A vida dos homens infames”. In: Motta, M. (Org.). *Michel Foucault Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber*, op. cit., pp. 219-220.
- ²⁷ *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. Op. cit., pp. 236-237.
- ²⁸ “O que são as Luzes?”. In Motta, M (Org.). *Michel Foucault Ditos e escritos II: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*, op. cit., p. 351.
- ²⁹ Adaptado de “Do governo dos vivos”. Op. cit., p. 295.
- ³⁰ “Anti-Édipo: uma introdução à vida não-fascista”. Tradução de Fernando José Fagundes Ribeiro. In *Cadernos de Subjetividade*. Peter Pál Pelbart & Suely Rolnik (orgs) *Gilles Deleuze*. São Paulo, Núcleo de Pesquisa de Subjetividade. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, 1993, v. 1, pp. 199-200.
- ³¹ “Do governo dos vivos”. Op. cit., p. 294.
- ³² Nu-Sol. “Estamos todos presos”. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/artigos/ArtigosView.php?id=8>, 2000.
- ³³ *Hermenêutica do sujeito*. Tradução de Salma Muchail & Marcio Fonseca. São Paulo, Martins Fontes, 2004, p. 306.
- ³⁴ João Guimarães Rosa. “A hora e a vez de Augusto Matraga”. In *Sagarana*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994.
- ³⁵ “Anti-Édipo: uma introdução à vida não-fascista”. Op. cit., p. 199-200.
- ³⁶ Idem, p. 200.
- ³⁷ “Estruturalismo e pós-estruturalismo”. In Motta, M (Org.). *Michel Foucault Ditos e escritos II: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Op. cit., p. 331.

³⁸ “Uma estética da existência”. In: Motta, M. (Org.). *Michel Foucault Ditos e Escritos V: Ética, sexualidade e política*. Tradução de Elisa Monteiro & Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2004, p. 290.

³⁹ *A História da Loucura na Idade Clássica*. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo, Perspectiva, 2004, p. 35.

⁴⁰ “Uma entrevista com Michel Foucault”. In op. cit., pp. 252-253.

⁴¹ Samuel Beckett. “O expulso”. In *Novelas*. Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo, Martins Fontes, 2006.

Indicado para publicação em 2 de junho de 2008.